

4^a PARTE

Discursos

DISCURSO DE POSSE(*)

Teoberto Landim

A história literária do Ceará se registra, em grande parte, na expressão daqueles que passam por esta Academia.

Há quase um século esta Casa tem sido a extensão e o limite da dimensão da cultura e do saber junto à sociedade cearense.

Por isso, Senhores Acadêmicos, as honras acadêmicas que me outorgastes, me despertam um sentimento que procuro controlar para não deixar que a vaidade se torne maior do que a humildade, humildade que sempre me conduziu a um trabalho responsável. O vosso convívio, tenho certeza, me fortalecerá o espírito e o sentimento de criação artística, ao mesmo tempo em que professo a minha fé nos altos destinos da literatura que tem sido sempre um instrumento indispensável para que compreendamos o homem e o mundo em todas as épocas, pois, escritor nenhum tem sua significação sozinho.

O momento é de alegria, mas é também de espanto. De alegria porque a partir de agora sou um dos vossos; e por ter sido elevado à suprema dignidade acadêmica. Disse também de espanto, porque o sonho que ainda acalentava se concretizou, talvez, muito cedo. Se tenho quatro livros publicados e vinte e três outros textos em jornais e revistas especializadas nacionais e estrangeiras, eu me considero no começo, espreitando novos caminhos, renovando-me com coerência, exercendo o meu papel de professor, intelectual e escritor.

Este nosso mundo atual parece ser físico, sociopolítico e econômico. Mas nosso sexto sentido — a imaginação — percebe um outro, que brilha e se infiltra pelas fendas de nosso universo visível. Nós escritores temos um tipo de visão diferente, vemos com o olho interior, o olho da mente. Talvez, na linha do pensamento de William Blake quando diz: “que tal como o homem é, ele vê”. Acredito que a relação do escritor com esta faculdade está presente em sua criatividade, em sua estética, porque, Senhores Acadêmicos, efêmeros como somos nós seres humanos, a literatura parece ser nossa janela para a eternidade.

(*) Pronunciado a 8 de novembro de 1991.

Acompanhamos a passagem do milênio, com todas as mudanças que marcam as transições para as várias etapas do desenvolvimento pessoal. Assistimos na literatura a fragmentação do eu, quando a ciência e a tecnologia produziam maneiras confiáveis de compreender e controlar a natureza; quando doutrinas religiosas, leis nacionais e costumes sociais criaram parâmetros — muitas vezes estereis — pelos quais o comportamento humano podia ser dirigido. Assim como assistimos a desintegração do eu poético, presenciamos também a dissolução dos gêneros, para que melhor possamos compreender o texto moderno.

A verdade é que a humanidade cansou e não é mais tão confiante nas promessas que mecanizaram o homem e inviabilizaram a felicidade e o bem-estar social. Por isso perdura a necessidade profunda de símbolos e metáforas subjacentes; por isso que se faz necessário o resgate da tradição com todos os ajustes que a contemporaneidade exige. Com um mergulho no inconsciente, o escritor moderno faz renascer os mitos, traz à tona os sonhos, devaneios, sensações, jogo e paixão, enfim, todos os lances da vida cotidiana.

Senhores, sou oriundo das quebradas da Canabrava dos Mourões. Da Canabrava dos tachos fumegantes de mel e dos alambiques em cada canto e em cada sítio. Nos confins do Ceará, fica a um pulo do Piauí, não é serra nem sertão, parece sonho, ficção. Impulsionado por um pai que pensou mais alto no futuro dos filhos do que no seu próprio, cheguei ao seminário de Sobral onde tive os primeiros contatos com os clássicos. Em Fortaleza cursei letras na UFC, onde conheci grandes mestres. Artur Eduardo Benevides, Moreira Campos, José Rebouças Macambira, Carlos Neves d'Alge e José Alves Fernandes. Desde cedo ingressei no magistério, não sei se foi o destino, ou se cumpria uma praga do Pe. Marconi Montezuma, quando, uma vez, me fez uma pergunta e, distraído, não soube responder. O padre dramaticamente ajoelhou-se de mãos postas e exclamou aos céus, "Senhor, fazei deste desgraçado um professor". Realmente Deus me fez um professor e eu muito o agradeço. Sou professor há vinte e seis anos; imaginem, Senhores, quantas vezes já não pensei fazer como o Pe. Marconi. Por doze anos fui diretor de Colégio, só deixando para me dedicar com exclusividade à Universidade. O mestrado e o doutorado cursados na PUC-RJ me abriram fronteiras, e, no semestre de verão de 1987 ministrei curso na Universidade de Colônia, na Alemanha. Minha ficção procura o resgate da Canabrava da minha infância; a natureza, as pessoas e as histórias que ouvi contar nos alpendres

da casa grande, ainda hoje continuam vivas e ainda carregarei comigo por mais algum tempo. Meus textos de crítica se prendem à literatura brasileira e seu contexto histórico-cultural. Procurei produzir um texto que fosse lido por especialistas mas que também estivesse ao alcance do estudante de letras. Não tenho preconceito contra nenhuma tendência ou corrente do pensamento crítico, coloco a ética acima de qualquer preferência, ressaltando o princípio de que não se pode esquecer o objetivo específico do crítico. Tudo isso, Senhores, para concordar com Novalis quando diz: "sem filosofia o escritor é incompleto".

Elegestes-me, Senhores Acadêmicos, para a Cadeira nº 37, anteriormente ocupada por Manoel Albano Amora, e que tem como Patrono Tomás Lopes. Este ilustre intelectual nasceu em Fortaleza a 16 de novembro de 1879. Estudou as humanidades no Liceu do Ceará. Transferindo-se em 1896 para o Rio de Janeiro, ali cursou, inicialmente, a Faculdade de Medicina, e, desistindo da carreira médica, entrou para a Faculdade de Direito, bacharelando-se em ciências jurídicas e sociais. Em 1905 iniciou a sua vida diplomática servindo na Espanha e depois na Suíça, onde faleceu, em 1913. Foi poeta e ficcionista de raros méritos. Toda obra literária de Tomás Lopes foi produzida fora do Ceará. Daí a dificuldade de inscrevê-lo como escritor cearense. Seus poemas, apesar de pertencerem à época do parnasianismo, apresentam um tom exaltado e acentuadas notas condoreiras, características evidentes do Romantismo. Entre suas produções poéticas figura a letra do Hino do Ceará musicada por Alberto Nepomuceno, apresentado pela primeira vez em 31 de julho de 1903, nas comemorações do Tricentenário do Ceará. Referindo-se ao "Hino do Ceará" Manoel Albano Amora diz: "A letra do "Hino do Ceará", é, porém, o seu momento supremo, a sua obra-prima. Tudo se apaga e emudece diante da claridade e doçura dessas rimas e métricas que ele modelou como um estuário, formando um conjunto de idéias sonoras — versos em que palpita a alma inditosa da nossa terra".

Senhores, se a razão me fez expressar o respeito pelo patrono da cadeira que doravante ocuparei, a emoção não deixa por menos quando ensaio algumas considerações sobre Manoel Albano Amora, meu antecessor. Não é emoção por emoção, mas uma emoção que aponta para uma admiração que foi nascendo em cada entrevista e em cada conversa com os amigos de Manoel Albano Amora. Uma admiração que foi crescendo quando na aproximação dos dados constatei que foram unânimes os elogios ao cidadão, ao intelectual e ao escritor; e que foram marcantes as expressões de respeito e apreço

ao amigo e colega. Depois, na leitura da obra, constatei que Manoel Albano Amora também manifesta os mesmos sentimentos. O homem e a terra estão presente em suas crônicas como se o escritor os quisesse eternizá-los. Seu livro **Crônicas da Província do Ceará**, de 1990, torna-se leitura indispensável para o estudioso de nossa cultura. Neste livro, Manoel Albano Amora é antes de tudo um historiador. Nesta matéria é um escritor de mérito que sabe com maestria resgatar para a posteridade fatos relevantes do nosso passado histórico. A palavra “crônica” que introduz o título deste livro está no seu sentido tradicional. Decorre da sua etimologia grega (khronnos = tempo) e que significa o relato dos acontecimentos em ordem cronológica. A historiografia, por sua vez, assumiu este modelo na Idade Média e no renascimento em todas as partes da Europa. Foi também esse sentido que prevaleceu nos vários idiomas europeus modernos, até hoje, menos o português. Nesta concepção de crônica como um gênero histórico, é que o livro de Manoel Albano Amora, **Crônicas da Província do Ceará**, se enquadra. O bom relato histórico se nutre da experiência e da pesquisa. Para Manoel Albano Amora poderemos acrescentar outros ingredientes; as informações clássicas e um copioso estilo poético nos concedem o raro privilégio de compartilhar, como diz Francisco Carvalho, “o testemunho de um escritor de reconhecida competência, acostumado à convivência de grandes humanistas e de pesquisadores ilustres do nosso passado histórico”.

O relato dos acontecimentos de interesse histórico tem uma significação especial para Manoel Albano Amora, porque é através deste que ele cria na medida exata de sua experiência pessoal, uma atmosfera de intimidade entre o leitor e o cronista, superando os limites do esquecimento e reacendendo na memória destes leitores o sentimento de amor aos homens, aos fatos e aos símbolos que representam as marcas da cultura da nossa terra. O Ceará mereceu, deste escritor, especial atenção. Sua preocupação em preservar a história de Instituições, homens e fatos se registra também nos livros: **A Academia Cearense de Letras**, e **Pacatuba, Geografia sentimental**. Quem tem o privilégio da leitura destes livros percebe que passeia com naturalidade e por que não dizer com intimidade pela História do Ceará. Por este motivo, seja escrevendo sobre assuntos relacionados com as instituições a que pertenceu como, a Academia e o Instituto Histórico, seja, discutindo o movimento abolicionista no Ceará, seja ainda enaltecendo os atributos morais e intelectuais de personalidades como Gustavo Barroso, José Gil Amora, Ildefonso Albano, é

sempre levado pelo princípio ético que conduz todo historiador que tem respeito pela verdade.

A passagem de Manoel Albano Amora historiador para Manoel Albano Amora poeta se processa no nível da linguagem. A aproximação entre os dois gêneros se evidencia no momento em que na análise do discurso notamos aspectos convergentes: a exaltação do homem e da terra, que já assinalamos em suas investidas históricas, correspondem, no discurso poético, as acentuadas notas românticas que perpassam seus dois livros de poesia: **Manhã de amor**, 1938 e **Céu azul, verde mar**, 1973. Outro elemento importante é o tema, que inspirado no cotidiano, mostra bem a relação de que fala Mallarmé: “as coisas existem, não temos de as criar; temos que lhes captar as relações; e são os fios dessas relações que formam os versos e os orquestram”. É neste tom que canta o poeta cearense:

*“Todos
almejam
Sonham
Procuram
Porque*

*todos os homens nasceram com a sina perigosa de cavar o
desconhecido lado a lado.”*

Ora, se a poeticidade do poema é o produto do seu sentido, vemos nestes versos a ansiedade do poeta diante da própria vida. O que fazemos nós seres humanos senão buscar com insistência a felicidade, o bem-estar social ou até mesmo um grande amor? Canta outra vez o poeta:

*“Quero jogar a minha alma
dentro
daquela alma.”*

A consciência das dificuldades do mundo é do domínio do poeta, entretanto, esta consciência é muito mais forte como substrato onírico, quando o poeta vislumbra novo horizonte, depois de saudar uma manhã de amor: “À tarde é uma promessa de vida nova”. Neste verso as palavras reencontram a sua identidade própria e ao mesmo tempo a sua total plenitude poética. Uma transfiguração onde as palavras

estão livres de qualquer oposição. A poesia alcança sua absolutização pelo signo e o esplendor do significado.

Senhores, não fosse a exigüidade do tempo, talvez esta análise continuasse, quem sabe penetraríamos na atmosfera do mistério que envolve suas últimas produções para entendermos o sonho do homem diante do mundo que o cerca; seus prazeres e dissabores, seus encantos e desencantos. Quem sabe, um dia, este elogio se transforme num ensaio; aí sim, eu me darei por satisfeito em fazer justiça a Manoel Albano Amora. Sua produção poética se enfeixa em dois pequenos volumes, mas vos digo, o suficiente para lhe reservar um lugar de destaque na fase moderna da literatura cearense.

Em vos falei do cidadão, do historiador e do poeta. Acho desnecessário falar o professor de Direito da nossa UFC, pois o nome de Manoel Albano Amora ainda está muito vivo no seio da comunidade universitária, e, tenho certeza, sua obra permanecerá e dará continuidade a lembrança deste grande mestre que fez escola e por isso terá sempre o aplauso copioso dos intelectuais de sua terra.

Sejam minhas últimas palavras de agradecimento especial à escritora e professora Noemi Elisa Soriano Aderaldo, dileta amiga e companheira de lides literárias. Suas palavras consagradoras me emocionaram. Foram palavras excessivamente generosas que atestam a grandeza do vosso coração, pois, meus méritos são muito poucos. Espero que, no convívio com a inteligência dos que fazem esta Academia, eu possa merecê-las um dia. E, finalmente, meus agradecimentos, também, aos que enchem, nesta noite, esta sala, e me deram a honra e a alegria de aqui estar conosco. Muito obrigado.